



PAULO DO CARMO MARTINS

Dois SÉCULOS DE DISTÂNCIA

Adam Smith é considerado o pai da economia como ciência. Nos seus últimos 30 anos de vida, ele testemunhou a radical transformação que ocorria no Reino Unido. O uso de energia a vapor em substituição à tração animal, o desenvolvimento de novas máquinas e ferramentas, o surgimento de novos produtos químicos e a introdução de novos processos de produção do ferro sinalizaram que o mundo nunca mais seria igual. Adam Smith viu surgir a chamada Revolução Industrial, que decretou o fim da produção de modo manual, artesanal.

Ele buscou responder a uma pergunta que até hoje inquieta os economistas: o que faz uma nação ser rica? Para ele, a riqueza é resultado da ação dos indivíduos motivados pelo interesse próprio. Agindo assim, promovem a inovação e o crescimento econômico da nação. No seu livro *A Riqueza das Nações* há uma passagem clássica, quando ele exemplifica o seu pensamento, dizendo que “não é da benevolência do padeiro, do açougueiro ou do cervejeiro que eu espero que saia o meu jantar, mas, sim, do empenho deles em promover seu auto-interesse”.

Portanto, na visão dele, você produz leite porque está buscando assegurar o seu bem-estar e o da sua família. Mas, ao agir assim, cria riqueza para a nação brasileira. Portanto, pensando em você, no seu interesse, você consegue gerar bem-estar para a sociedade.

É claro que essas ideias circularam rapidamente entre comerciantes, novos industriais e detentores do capital. Elas chegaram num momento muito bom para combater os resquícios do feudalismo e do mercantilismo. A máxima agora era: nada de intromissão do Governo e de ninguém. Cada um deve fazer o melhor para si, pois a “mão invisível” do mercado fará o melhor para todos.

Pois foi somente em 1929 que essas ideias começaram a ser abaladas. Naquela época, cada empresário agiu pensando somente em si, e os Estados Unidos entraram em sua pior crise econômica até hoje.

Mas John Nash, de quem você já deve ter ouvido falar, confrontou o pensamento de Adam Smith. Ele é um esquizofrênico, que teve sua vida retratada no filme *Uma mente brilhante*, disponível nas locadoras e em versão completa no Youtube. Ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1994, Nash provou matematicamente que um mercado encontra o seu equilíbrio “quando todos os agentes adotam a decisão ótima para si, considerando a decisão ótima para todos”, ao contrário do que entendia Adam Smith, para quem a ambição individual sempre levava ao bem comum.

Suponha um grupo de quatro amigos num baile. Eles miram a menina mais bonita do salão, que está acompanhada de outras amigas. Um dos quatro propõe que todos eles a disputem. Ocorre que, se todos competirem pela mais bonita, os quatro se bloquearão, anulando seus esforços, e nenhum deles irá conseguir manter fixa a atenção dela. Portanto, nenhum dos quatro irá seduzi-la. Então, eles partirão para conquistar as amigas. Mas ninguém gosta de ser a segunda opção. Principalmente as mulheres. Então, se entrarem em disputa aberta, terminarão a noite como chegaram... Sozinhos.

Mas se todos decidirem ignorar a mais bonita, ou seja, se ninguém buscar seduzi-la, os amigos não se anulam, as amigas delas não se sentem ofendidas e cada um pode interagir com aquela que lhe pareça mais interessante. Adam Smith entendia que o melhor resultado era obtido quando todos faziam o melhor para si. Já John Nash acredita que o melhor resultado é obtido quando todos consideram, ao agir, o que é melhor para si e para o grupo, ao mesmo tempo.

A primeira e única mulher a ganhar o Prêmio Nobel de Economia foi a americana Elinor Ostrom. Ela foi agraciada com o prêmio em 2009. Sua contribuição foi demonstrar que quando agentes (empre-

sas ou pessoas) disputam os mesmos recursos e estes estão ficando escassos, se os agentes percebem que estão indo para o fundo do poço deixam de competir entre si e passam a cooperar, para evitar que a competição entre eles leve a uma situação pior do que a atual. Sua tese nega a teoria da “tragédia do bem comum”, que afirma que o ser humano é levado ao conflito auto-

destrutivo quando está diante da escassez.

Vamos juntar tudo isso ao leite. Nos dois últimos meses procurei discutir neste espaço o fenômeno do leite em Goiás. O Estado sempre era visto como tradicional produtor de carne. Leite era resíduo de vaca branca. A partir dos anos 90, contudo, cresceu consideravelmente a produção de leite, o que chamou a atenção de todo o Brasil e atraiu o temor dos argentinos, que sempre foram nossos grandes fornecedores. Mas nos últimos anos, houve uma expansão da capacidade de processamento no Estado muito além da capacidade de aumentar a produção. Os motivos para a ocorrência destes fenômenos estão explicados neste espaço nas edições de fevereiro e março de **Balde Branco**.

Pois, diante do desequilíbrio, da capacidade ociosa nas fábricas, os agentes produtivos de Goiás se reuniram. Concluíram que uma empresa tomar linhas de leite de outra é jogo de soma zero, na linguagem da Teoria dos Jogos, que descrevi também neste espaço, na edição de fevereiro. Então, era fundamental deixar de lado as ações competitivas entre si, pois as empresas estavam destruindo valor.

Para gerar valor era preciso implementar ações cooperativas pré-competitivas, como prevê Elinor Ostrom. Esse era o único caminho. Então, o Sindileite, que congrega os laticínios que têm base no Estado, se associou à FAEG-Federação da Agricultura do Estado de Goiás, ao Sebrae, ao Senar e às universidades, num total de 13 instituições. Resolveram agir juntos, de maneira cooperativa, depois da construção de um planejamento estratégico, do qual o meu colega da Embrapa Gado de Leite, Alziro Carneiro, e eu participamos intensamente.

Houve o reconhecimento de que a indústria estava com problemas graves de rentabilidade e capacidade ociosa, enquanto os produtores, embora bem remunerados, não se sentiam motivados a investir e aumentar a produção. Então, a decisão foi priorizar duas ações: assistência técnica e melhoramento genético do rebanho. Além da equipe técnica de cada laticínio, foram contratados 38 novos técnicos para prestar assistência ao produtor, que paga parte do custo, e a indústria paga a outra. Uma fazenda foi estruturada exclusivamente para servir de treinamento de produtores e trabalhadores.

Também já distribuíram cerca de 400 touros, com filhas com produção acima de 9 mil kg por lactação. O produtor o adquire com idade entre 12 e 16 meses, juntamente com instruções de como deve criá-lo, e paga os custos da aquisição em leite, num prazo de 12 a 18 meses. O que trava o crescimento do programa é a restrição de animais de qualidade para serem adquiridos. Contudo, com pouco tempo de ações cooperativas pré-competitivas os resultados começaram a aparecer. É um modelo a ser copiado.

A maioria das empresas de leite no Brasil ainda pensa como Adam Smith. Estão na era da Revolução Industrial, entrando no século XIX. Já Goiás começa a pensar no padrão colaborativo de Elinor Ostrom, entrando no século XXI. Entre as ideias de ambos, dois séculos de distância!

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, pesquisador da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, pesquisador da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.